

O imperialismo na Venezuela a partir do conceito poulantzano de «bloco no poder»

Mariana de Oliveira Lopes

Resumo

Neste artigo busca-se compreender o imperialismo norte-americano na Venezuela durante o governo Chávez (de 1999-2006). Com base no conceito poulantzano de bloco no poder analisaremos a política no interior do país, podendo desta maneira observar como representantes das diversas frações burguesas na Venezuela, dentro do Parlamento e no governo, estão associados com o capital internacional possibilitando sua dominação no interior deste país. Procura-se também contribuir para uma melhor compreensão da política naquele país, bem como a política dos diversos países da América Latina sob os vínculos de dependência política, econômica e ideológica.

Palavras chave: Imperialismo, «bloco no poder», Venezuela, Chávez.

The Imperialism in Venezuela from the concept of «block on the power»

Abstract

This work is about the understanding of the North American imperialism in Venezuela during the Chávez government (from 1999 to 2006). For this purpose, we will discover the «block on the power» in the inland section of the country to observe how the representative of the diverse bourgeois fractions in Venezuela, inside the Parliament and in the government, are associated with the international capital; making possible its domination in the inland section of this country. Another objective of this work it to contribute for one better understanding of the politics in that country, as well as the politics of the diverse countries of Latin America under the politics, economic and ideological dependence.

Key words: Imperialism, «block on the power», Venezuela, Chávez.

Muitos elementos têm nos instigado a querer conhecer a realidade política da Venezuela, principalmente no que se refere aos conflitos políticos na sua relação com os Estados Unidos. O fio condutor de nossa análise é a complexa relação política entre o governo Chávez e o capital imperialista dos EUA. Em outras palavras examinaremos a relação do «bloco no poder» venezuelano, sob a chamada «revolução bolivariana», com as políticas imperialistas praticadas pelos Estados Unidos naquele país no período de 1999 a 2006. Chama-nos a atenção, entretanto, que no plano midiático e nos palanques, o governo Chávez tem se posicionado portador de uma bandeira nacionalista e, por vezes, antiimperialista. Mas quando nos voltamos mais detalhadamente para a composição política de seu governo, observamos que há alguns membros do alto escalão ligados aos interesses do capital norte-americano. Trata-se, portanto, de uma verdadeira teia de interesses contraditórios.

O panorama político latino-americano nos conduz a alguns conceitos teóricos. Estes devem ser problematizados à luz das transformações ocorridas com o capitalismo latino-americano ao longo das últimas décadas do século passado até os dias atuais. Referimo-nos ao conceito de «imperialismo». As análises que pretendem ter como objeto a questão do imperialismo para compreender a política internacional¹ no campo marxista se dividem, ou seja, há vários autores que tratam do tema, tais como Rosa Luxemburgo, Karl Kautsky, Hobson, Hilferding, entre outros, mas nos apoiaremos principalmente em Lênin, embora este conceito necessite ser atualizado em função das novas configurações que ele tem assumido principalmente a partir dos anos 1990, quando praticamente toda a região passou a viver sob regime democrático.

Em o *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, Lênin (1987) caracteriza o imperialismo como uma etapa do desenvolvimento do capitalismo em que se estabelece a dominação dos monopólios e do capital financeiro, onde adquiriu grande importância a exportação de capitais, que se dá por meio da busca de novas fronteiras, ou seja, mercados exteriores que respondem a dialética do processo capitalista que procura taxas de benefícios mais elevadas e mãos-de-obra mais baratas. Lênin observou que a alta queda da taxa de lucro no país exportador determinava que o capital ultrapassasse as fronteiras nacionais em busca de melhores horizontes para inversão de seus produtos. Além disso, detectou a grande tendência à concentração e centralização do

capital; o aumento dos cartéis e trustes; ainda o importante papel desempenhado pelos bancos, assim como sua concentração e fusão com a indústria, formando o capital financeiro; assim como a construção das colônias e a repartição do mundo como expressão do desenvolvimento desigual do capitalismo e a divisão internacional do trabalho associada ao modo de produção vigente.

Chesnais analisando a «nova fase do imperialismo», que se inicia com a virada da década de 1970 para a década de 1980, observou que os países da OCDE iniciaram o processo de «liberalização, desregulamentação e privatização²». Estas práticas levaram a alguns aspectos marcantes da década de 90, com o modo de funcionamento do capitalismo predominantemente financeiro, são eles: baixas taxas de crescimento do PIB, alta valorização dos ativos financeiros, desemprego estrutural, desenvolvimento de rendimentos de origem financeira, conjuntura econômica instável, expectativa frustrada pela recuperação do crescimento econômico, deflação, aumento na concorrência internacional com a marginalização de regiões inteiras do globo (CHESNAIS, 1997).

Nesta «nova» fase, o imperialismo requer um processo ao mesmo tempo político, econômico e ideológico e, portanto, não dilui os Estados nacionais, nem as relações de dominação e dependência política entre eles (POULANTZAS, 1975; PETRAS, 1986). As relações interestatais servem de suporte para que o capital se desenvolva no processo de acumulação mundializado. O triunfo desta relação não teria sido possível sem as repetidas intervenções de instâncias políticas do Estado. É a articulação estreita entre o político e o econômico que possibilita as condições dos mecanismos e configurações dominantes desse regime (CHESNAIS, 1997).

Em meados da década de 1970, Poulantzas (1975) mostrava que o imperialismo se define pela exportação de capitais, sua concentração e centralização como já havia afirmado Lênin, mas também pelo espraiamento do modo de produção capitalista. Isso porque nesta «nova fase do imperialismo», segundo o autor, a dominação do modo de produção capitalista não se dá mais apenas do exterior, mas estabelece sua dominância em seu próprio seio.

O domínio é reproduzido muitas vezes, para Poulantzas por meio do aparelho de Estado e de suas formas ideológicas. Voltando ao nosso objeto de análise, o capital monopolista americano e sua dominação no seio desta nova relação de dependência ocorreriam por membros da

fração de classe ou por representantes da mesma no interior do Estado. O capital americano e suas frações deste estariam presentes no «bloco no poder» de outro país (no nosso caso, a Venezuela) assegurado por certas frações da burguesia venezuelana (POULANTZAS, 1975).

Como afirma Poulantzas (1975), durante o imperialismo, principalmente na sua «nova fase», o externo só se concretiza no interno, seja por meio das inversões, das fusões, do uso da mão-de-obra dada pela nova divisão internacional do trabalho, da formação dos grandes monopólios, seja por meio da constituição do bloco no poder de determinado país. A questão a ser colocada é de que maneira estes aspectos ditos «externos», que dizem respeito às modificações da atual fase do imperialismo, são reproduzidos e interiorizados no seio da estrutura econômica-política deste país (POULANTZAS, 1976).

Para compreender a relação do capital americano no interior da Venezuela precisamos compreender a composição da burguesia. Observamos no estágio imperialista a tendência à interpenetração de capitais, por isso devemos mapear quais são as classes envolvidas, que frações de classe ocupam o lugar do *capital asociado*.

O domínio do Estado na atual fase do imperialismo corresponde ao crescimento considerável de suas funções econômicas³, indispensáveis à reprodução ampliada do capital. As funções econômicas do Estado são expressões de seu papel político desempenhado na exploração e dominação de classe, articulado por meio de seu aparato repressivo (forças armadas, serviços de inteligência) e ideológico (meios de comunicações, etc) (POULANTZAS, 1975).

Contudo, sabemos que o Estado não é um mero reflexo do econômico (senão em última instância). A instância política possui um grau de autonomia relativa frente ao econômico (POULANTZAS, 1977). A questão dos Estados nacionais se torna aqui importante por que é a forma de constituição deste Estado, do «bloco no poder» e a configuração de seus aparelhos que podem nos mostrar as contradições entre as burguesias venezuelanas e o capital americano.

Tendo em vista a importância e finalidade do Estado capitalista na atual fase imperialista, como se configura o imperialismo norte-americano na Venezuela durante a administração do presidente Chávez dos anos 1999 a 2006? Esta questão nos leva a formular outras: onde se encontram as frações do grande capital americano na Venezuela e quais

são seus representantes? Como se dão a concentração e centralização do capital americano naquele país?

A história do imperialismo norte-americano na América Latina é bem conhecida. Relações de dependência por meio dos grandes monopólios, acordos internacionais⁴, empréstimos, controle, intervenções militares, golpes, etc. Na Venezuela estas relações não foram diferentes, salvo algumas especificidades, como as do petróleo. Partindo da formulação de Lander e Maya (2002) poucas coisas ocorrem no país que não tenham, direta ou indiretamente a ver com o petróleo⁵, o que podemos deduzir que por isso tem sido alvo de investidas do imperialismo norte-americano.

Este país é um dos principais produtores de hidrocarbonetos do mundo e seu papel no mercado energético internacional é ainda mais importante. Membro da OPEP desde 1960, a Venezuela é a quarta maior fornecedora dos EUA⁶, e é fonte segura de abastecimento para os consumidores do hemisfério ocidental. O petróleo foi e continua sendo a fonte de renda no processo de acumulação venezuelana, correspondendo a 22% do PIB nacional, e por 80% da exportação do país. Por isso para entender o imperialismo norte-americano na Venezuela, é indispensável avaliar as incidências que o petróleo pode ter com o governo Chávez e sua relação com os Estados Unidos.

Sabemos que para isso, devemos compreender o país internamente, já que o *internacional* só se concretiza no interior de outro Estado. Para mapear a presença e/ou atuação do imperialismo norte-americano na Venezuela faz-se necessário, portanto, entender sua relação com o «bloco no poder⁷» neste país, bem como a configuração política, social e econômica das classes dominantes, principalmente as suas relações com a PDVSA (Petróleos de Venezuela S.A.)

Segundo Vladimir Castro, o objetivo logo após o início do mandato do presidente Chávez, foi estabelecer a nova comissão encarregada de formular as novas políticas chavistas contidas na nova constituição. Conforme analisado, foi formada por diferentes personagens, militares e civis tanto de esquerda quanto de direita, como por exemplo, Luis Miquilena, nomeado por Chávez, ministro do interior e presidente da Assembléia Constituinte Luis Miquilena é ligado politicamente a Tobias Carrero Nácar, financista venezuelano associado a Intesa (empresa que integra a PDVSA a SAIC⁸).

Esta nova Constituição reformulava as políticas de Estado para o setor petrolero. A «nova» orientação resgatava aspectos essenciais da longa tradição venezuelana, como por exemplo, a recuperação do papel da Opep como ator regulador do mercado internacional; a centralização da administração no executivo nacional por meio do Ministério de Minas e Energia; busca de níveis apropriados de ingressos fiscais de origem petrolero e por último, frear as tendências privatizantes, mas sem negar a participação de capitais privados no setor (LANDER e MAYA, 2002).

A reforma da política petrolero reflete as mudanças que se estavam ocorrendo na Venezuela, qual seja, fim da democracia representativa «puntofijista» e o início de um período onde um novo regime político se estava formando, tendo como cume a conformação de um novo bloco no poder. A Constituição deste novo bloco hegemônico revela a tentativa de se estabelecer uma nova composição política das frações que compõem as classes dominantes venezuelanas. De qualquer forma, instiga-nos saber quem sai e quem permanece. Ou ainda: que alianças políticas são feitas e com base no que são acordadas. Afinal, a retórica de esquerda do presidente acompanhada de uma política que favorece os setores financeiros e especuladores da economia, mostraria a configuração de um novo bloco no poder?

A base de apoio a Chávez⁹, logo da sua eleição, se dá abertamente pelas classes populares e setores das Forças Armadas. Já as oposições (antigas classes dominantes) são oriundas das empresas petroleras, capital financeiro, cúpula do movimento sindical dos trabalhadores (CTV), Igreja e alto comando das Forças Armadas, grandes corporações de telecomunicações como Globovision, Radio Caracas, Televen e Venevision (Grupo Cisneros¹⁰), além da Fedecámaras¹¹.

Todo esse grupo de oposição a Chaves se viu com a nova lei de hidrocarbonetos e a de gás (Lei de Habilitantes), desfavorecido, não mais representado no Estado. Como esta fração da burguesia antes dirigia abertamente a empresa sem vínculos com a Opep, com a nova legislação de Chávez se sentiu ameaçada. Foi durante a presidência da nova diretiva da PDVSA, de Gastón Parra¹² que ocorreu o primeiro «Paro» em 2001, dirigido pelo alto escalão da empresa petrolero.

Segundo Moniz Bandeira (2003), o «Paro» foi uma conseqüência de inúmeras discussões. Isso piorou quando houve a destituição de sete altos executivos da PDVSA (três deles militares), dado o conflito que gerou junto à nova direção nomeada por Chávez. Em 2001, dada a

favorável situação de crise que se instalara na Venezuela, os Estados Unidos canalizaram centenas de milhares de dólares para os grupos americanos e venezuelanos adversos a Chávez, inclusive a CTV (Central dos Trabalhadores da Venezuela), através da National Endowment for Democracy, agência criada pelo Congresso que quadruplicou e incrementou as doações, elevando seu orçamento para a Venezuela para mais de 877 mil dólares.

Neste mesmo período, a CTV, controlada pelos partidários do ex-presidente Carlos André Perez e a Fedecámaras, juntamente com alguns militares tais como o Coronel Ronald Mac Common (aliado militar dos EUA na Venezuela) e o tenente coronel James Roger discutiam a possibilidade de derrubada de Chávez. Agentes da CIA atuaram junto aos militares venezuelanos, aos dirigentes da Fedecámaras e aos líderes sindicais com o objetivo de coordenar a conversão do que seria uma pequena greve¹³ em demonstração de protesto. Entretanto, esta pequena greve levou ao golpe.

Por outro lado, numa tentativa de romper com o «Paro», o presidente Chávez tenta um acordo do setor bancário de ruptura com o resto do empresariado, ameaçando retirar todos os depósitos públicos das entidades bancárias, tentativa essa fracassada (CASTRO, 2002).

O golpe de 11 de abril de 2002, que se dá quando o então nomeado presidente Pedro Carmona dissolve a Assembléia Nacional, durou apenas 48 horas e foi saudado pelos EUA, Espanha e Peru. O embaixador norte-americano na Venezuela Charles Shapiro demonstrou apoio ao governo golpista de Pedro Carmona (então presidente da Fedecámaras), enquanto isso o FMI anunciava recursos financeiros à Venezuela. Durante o golpe, o «mentor intelectual» de Chávez, Miquilena, se uniu com a oposição e hoje é assessor de assuntos energéticos do presidente dos Estados Unidos, G.W. Bush. Lembramos, apenas que este mesmo homem que foi presidente da Assembléia Nacional e ministro durante a elaboração da nova constituição.

Com o retorno de Chávez, houve ainda uma nova tentativa de desestabilizar o seu governo em dezembro do mesmo ano, com o «Paro» da indústria petroleira.

Para Hernandez (2006), os golpes, *paros*, sabotagens e insurreições da burguesia que aconteceram durante o governo Chávez foi o caminho encontrado pelo imperialismo para impor seu programa de continuar privatizando a indústria petroleira e controlar sua administração. Destes

atos opositoristas, o imperialismo saiu fortalecido, por exemplo, através do Tratado de Coche¹⁴ em 2004, entre os representantes deste capital, ou seja, o ex-presidente dos Estados Unidos Jimmy Cárter, o magnata das comunicações Gustavo Cisneros e o presidente Chávez.

Se o que afirma Hernandez é verdadeiro, podemos deduzir que o capital internacional norte-americano se beneficiou (ou se beneficiaria) com as tentativas de desestabilização do governo Chávez, sendo representado pela Fedecámaras e CTV? Como sabemos a Fedecámaras apóia ideologias neoliberais, além de defender uma reforma monetária (transferência do bolívar pelo dólar). Fora isso, quando houve a tentativa de golpe, Pedro Carmona, então dirigente da Fedecámaras foi nomeado presidente da República. A cúpula CTV além de apoiar o golpe e «paros» recebeu dinheiro de uma empresa norte-americana para financiar estas ações.

Sabemos também que o golpe foi encabeçado pelo alto comando militar, entretanto, resta-nos a dúvida se estes militares têm elos com os militares que fazem parte do corpo diretivo da SAIC. Como já citada anteriormente, a SAIC é uma transnacional estadunidense que se integra com a PDVSA por meio da Intesa. A Intesa¹⁵ controla toda a informação vital da PDVSA: dados financeiros, técnicos, lucros e negócios. Este grupo tem como objetivo controlar a informação e os negócios da indústria, vigiar a direção política, manter relações com grupos de poder econômico e político associado a SAIC nos EUA e dar coesão aos interesses dos empresários cuja meta é manter os negócios com a indústria ou aos que derivem da futura liquidação da PDVSA.

O corpo diretivo da SAIC foi composto por um seleto grupo de ex-militares de inteligência do exército, tais como: Willian Perry, Melvin Laud, John Deutsh, Robert Gates (estes dois últimos ex-diretores da CIA). Hoje os componentes são: Wayne Downing (comandante chefe das Forças Armadas dos EUA), Jasper Wilch (general, ex-coordenador do Conselho de Segurança da ONU), Bobby Ray Inman (comandante ex-diretor da Agencia nacional de segurança e antigo diretor da CIA).

Se as frações da burguesia até 2002 praticaram atos insurreccionais e desde então não mais, é por que estão sendo beneficiadas e porque estão bem representadas no bloco no poder?

O benefício do capital internacional na Venezuela se dá segundo Hernandez por meio das empresas mistas. Para ele, entregar as novas concessões com roupagem de empresas mistas, é a continuação iniciada

por Luis Guisti¹⁶ e PDVSA, das privatizações do petróleo venezuelano mediante o qual as companhias aumentam suas reservas¹⁷ petrolíferas sem serem donas formais dela, o que interessa ao grande capital. As empresas mistas feitas pelas companhias petrolíferas transnacionais, conforme o autor, são vanguardas do imperialismo nos países que possuem recursos como a Venezuela.

O papel do Estado nestas ações é através das inversões e riscos que correm por conta dos países donos do recurso e quando chega o momento dos lucros, estes são compartilhados com as transnacionais que se convertem em «sócias». Sabemos, contudo, que o próprio presidente da PDVSA e de Minas e Energia, Rafael Ramírez, é favorável à política imperialista das empresas mistas¹⁸.

Esta nova roupagem com objetivo de permitir e ampliar a participação do capital privado na exploração de uma indústria formalmente pública e estatal, é o que busca as empresas petrolíferas em escala mundial. As empresas mistas possuem respaldo jurídico no conteúdo da Lei Orgânica de hidrocarbonetos e de gás vigentes. Conforme uma entrevista dada pelo presidente da Shell na Venezuela, Sean Rooney (apud HERNANDEZ, 2006), migrar dos convênios operativos, para empresas mistas tem sido muito lucrativo, não só para a Shell como para as outras empresas que estão a fazer.

Os interesses imperialistas na Venezuela estão hoje bem representados no «bloco no poder» por meio de ministros, presidente da estatal, organismo patronal (Fedecámaras) e central sindical (CTV), beneficiando a entrada e reprodução deste capital no país¹⁹? Se sim, então esta fração da burguesia seria a chamada burguesia compradora ou burguesia interna²⁰, sabendo-se que a burguesia venezuelana, assim como de outros países da América Latina, nasceu em total conexão e dependência com o capital imperialista?

A realidade venezuelana é complexa e recheada de inúmeras contradições, principalmente quando levamos em conta o caráter altamente mobilizador que a figura de Chávez possui.²¹ São muitas as questões que nos cercam quando tentamos mapear o novo «bloco no poder» na Venezuela, um país com características muito complexas e instigantes. Conforme dissemos anteriormente, mesmo nos restringindo à análise política de um determinado estágio do desenvolvimento do capitalismo venezuelano, pretendemos contribuir com as análises sobre a Venezuela e contribuir com o entendimento sobre os vínculos de

dependência política, econômica e ideológica de outros países da América Latina (entendendo, contudo, a especificidade de cada país).

Notas

- ¹ Grifo nosso. Discutiremos mais a frente a relação interno/internacional.
- ² O marco deste início foi com a ascensão dos governos neoliberais Thatcher (1979) na Inglaterra e Reagan (1980) nos EUA.
- ³ Nos últimos vinte anos o que aconteceu foi o notável aumento de alguns estados, medido como proporção do gasto público em relação ao PIB. Esta relação é assimétrica. Enquanto alguns Estados com isso aumentam sua soberania, outros a diminuem.
- ⁴ Dentre os vários «acordos internacionais» temos o acordo imposto pelos Estados Unidos (aqui entendidos dos grandes grupos transnacionais), chamado «Consenso de Washington» que previa dentre outras coisas a abertura econômica, a desregulamentação do Estado e as privatizações de empresas estatais. Na agenda latino-americana encontramos também os Documentos de Santa Fé I e Santa Fé II.
- ⁵ Na Venezuela assim como em outros países da América Latina, a burguesia nacional nasceu em ligação direta com o imperialismo. Neste país especificamente, isso se deu por meio do petróleo. No começo do século XX durante o governo Gómez, se possibilitou a entrada de empresas estrangeiras petrolíferas (grandes monopólios), que se estabeleceram na região com um governo que formulou uma legislação com concessões ao capital estrangeiro. As classes dominantes locais, com isso, se inebriaram com o dinheiro fácil (Maringoni, 2004).
- ⁶ Os EUA são o maior comprador de petróleo da Venezuela. 40% de sua produção se direciona aos EUA.
- ⁷ Entretanto, conforme Poulantzas, «as instituições ou os aparelhos não possuem poder próprio e só exprimem e cristalizam os interesses e poderes de classe» (Poulantzas, 1975: 75).
- ⁸ Science Application International Corporation. A SAIC é a maior empresa de pesquisa e engenharia dos EUA. A empresa tecnológica tem acordos firmado com setor federal, estadual e privado. A tradicional ligação é com o Departamento de Defesa, de Inteligência e Segurança Nacional dos EUA. Para mais ver: www.saic.com
- ⁹ Lembremos que Hugo Rafael Chávez Frias é um ex-tenente coronel das forças armadas da Venezuela.
- ¹⁰ O grupo venezuelano Cisneros, hoje dirigida por Gustavo Cisneros, tem uma fortuna de mais de US\$ 4 bilhões. Dono do principal canal televisivo da Venezuela, Venevisión, mais conhecida no estrangeiro por sua oposição à Chávez. O grupo Cisneros também possui a Chilevisión

(Chile), Tv Caracol (Colômbia), grande parte da DirecTV latino-americana, além de uma participação lucrativa na Univisión (Canal castelhano nos EUA). Conforme Richard Gott (2006), Gustavo Cisneros é uma das figuras sombrias que proporcionam ao capitalismo americano força local fora dos Estados Unidos. Cisneros está atado de pés e mãos aos EUA, e tem sido graciosamente bem pago.

- ¹¹ Fedecámaras é uma organização patronal, uma organização que representa a cúpula do setor empresarial venezuelano. Seus objetivos são: fortalecer posição do empresariado, desenvolver processo de mudança e o programa de ajuste estrutural, defendendo a abertura econômica. Afiliados a esta organização encontramos: agricultura, comércio, energia, meios de comunicação, pecuária, transporte, serviços de telecomunicação, associações bancárias e serviços de cartões de créditos, construção, indústria, minérios seguros, turismo.
- ¹² Gastón Parra foi responsável pela concepção petroleira expressada na Constituição de 1999. Participou da comissão presidencial para a revisão petroleira e foi co-redator da Lei de Hidrocarbonetos em 2001.
- ¹³ Os setores que não aderiram ao «Paro» foram: sindicato de siderurgia de Orinoco, empresa de alumínio, ferromineração, hidroelétrica e sindicato dos trabalhadores do metrô de Caracas.
- ¹⁴ Este tratado levou o mesmo nome do Tratado de Coche assinado 140 anos antes entre Paez e Falcón, por ter sido feito durante a reunião entre Chávez e Cisneros mediada por Carter no mesmo lugar que o anterior. A reunião foi simbolizada pelo discurso de Chávez em favor do capital e de seu governo que garantiria a governabilidade do país e a estabilidade do mercado petroleiro (HERNANDEZ, 2005).
- ¹⁵ A Intesa é filial (40%) da PDVSA. A SAIC é filial do Departamento de defesa dos EUA e proprietária de 60% da Intesa.
- Por outro lado temos a outra grande filial da PDVSA nos EUA a CITGO Corporation. A empresa pública venezuelana cria mais empregos nos Estados Unidos (250.000) que na Venezuela (40.000) Para ver filiais: www.pdvsa.com
- ¹⁶ Luis Guisti foi presidente da PDVSA de 1994 a 1999. É um tecnocrata norte-americano com sólida carreira no mundo das corporações transnacionais. Em sua administração foram desenvolvidas as iniciativas privatizantes da empresa estatal venezuelana. Vive hoje em Washington e é diretor do Grupo Royal Dutch Shell e assessor do Grupo Riverstone (um ramo do Grupo Carlyle para a área de energia) e do grupo Financeiro Stanford. É ainda membro da Força Tarefa Independente de políticas Estratégicas de Energia, que traçou metas do setor para a administração Bush filho (Maringoni, 2004:157).

- ¹⁷ Segundo Hernandez (2006), aumentar as reservas é o real valor das empresas transnacionais petrolíferas. O único capital que conta são as reservas, ou seja, a quantidade de reservas que possui, a cifra que observam quando se avalia uma companhia. Na Venezuela, por exemplo, para aumentar suas reservas, a Repsol YPF conseguiu assinar um acordo estratégico com a estatal PDVSA, onde a empresa terá a possibilidade de duplicar suas reservas e aumentar até 60% sua produção no país.
- ¹⁸ As empresas mistas (também chamado de Cavalos de Tróia do capital petrolífero internacional), são a conversão dos antigos convênios operativos. Desta maneira se firma um contrato com o capital internacional sujeito ao direito internacional, que deixa subentendido a autorização de intervenção militar se não se cumprir com o «abastecimento fiel e confiável» do petróleo. Além disso, com esta nova forma de associação com o capital privado, se vendeu uma boa parte dos recursos energéticos. Por exemplo: os contratos (renováveis), no caso do petróleo são de 20 anos, de gás são 35 anos e de carbono de até 100 anos. Esta forma não é nova. Tem se constituído em todos os países onde o petróleo é de «propriedade do Estado». São várias as formas que se adotam para se constituir uma empresa mista, dentre as quais, contratos de serviços, de comercialização, de tecnologia, de exploração, outsourcing, convênios operativos, associações estratégicas, etc. (HERNANDEZ, 2006).
- ¹⁹ Segundo o presidente Chávez em seu programa semanal «Aló Presidente», estão tendo um nível recorde das reservas internacionais superiores a 35,5 bilhões de dólares e o risco país está mais baixo (212 pontos). Características que demonstram o êxito da política econômica de seu «governo revolucionário» (jornal Último segundo, 2006).
- ²⁰ Segundo Poulantzas (1975), este conceito desenvolvido permite analisar a situação concreta das burguesias em relação ao capital americano, durante a «nova» fase imperialista.
- ²¹ Hugo Chávez é um personagem que se caracteriza pelo seu apelo popular, principalmente nas regiões mais pobres do país. E faz isso com o contato direto com a população nos bairros onde visita, bem como nos discursos inflamados em palanques, rádios e televisão. Um de seus alvos prediletos nestes discursos, principalmente depois da tentativa de golpe de 2002, foi a política externa norte-americana, principalmente a administração de George W. Bush. A economia do país está em expansão devido aos altos preços do petróleo (+- US\$67/barril), possibilitando o aumento nos gastos públicos impulsionando o produto interno bruto (PIB). O crescimento econômico dos seis primeiros meses de 2006 foi de 9,6% em relação a igual período de 2005.

Referencias

- AUKEN, B.V. (2006) *As perspectivas da América Latina* (Parte 2). Disponível em: www.wsws.org Acessado em 21/08/2006.
- AYERBE, L.F. (2002) *Estados Unidos e América Latina: A construção da hegemonia*, São Paulo: Ed. Unesp.
- BANCO CENTRAL DA VENEZUELA (2006), *Balço geral sistemas bancários*. In www.bcv.org.ve.
- BORÓN, A. A. (2002) *Império & Imperialismo: uma leitura crítica de Michael Hardt e Antonio Negri*. Buenos Aires: CLACSO.
- BOUÉ, R.C. (2006) *El programa de internacionalización de Petróleo de Venezuela S.A.* In www.pdvsa.com
- CANO, W. (2002) *Venezuela: límites para uma nova política econômica*. In Revista Economia e Sociedade, Campinas, v.11, n.1(18), p.95-127,2002. Disponível em: www.eco.unicamp.br/publicacoes/economia_sociedade/download/revista_18/04-Cano.pdf
- _____, (2000) *Soberania e política econômica na América Latina*. Ed. Unesp: São Paulo.
- CASTRO, V.A. (2002) *La tortuosa configuración hegemónica en Venezuela*. In Revista Herramienta, n.21, año VII, E. Antídoto: Buenos Aires.
- _____, (2004) *El Caracter de la ofensiva Del capital y su incidencia en Venezuela*. In Revista Herramienta, n.25, año VIII E. Antídoto: Buenos Aires.
- _____, (2006) *Entrevista a Mariana de Oliveira Lopes* (Aluna de Especialização em Ensino de Sociologia/UEL) Entrevista realizada no Centro de Letras e Ciências Humanas (CCH-UEL). Em 20/09/2006.
- CHESNAIS, F. (1997) *A emergência de um regime de acumulação financeira*. In *Revista Praga 3*: Ed. Hucitec.
- CHOMSKY, N. (2005) *El petróleo de Venezuela y las chimeneas de Massachussets*, Disponível em :www.rebellion.org Acessado em 06/2006.
- CORONADO, R.D.R.(1999) *Informe Del Comisario De PDVSA*, Ejercicio económico Del año de 1999, fondo Editorial Dario Ramirez, In www.pdvsa.com
- FEDECAMARAS, (2006) *Boletim econômico mensal*, ano I n.1, In www.fedecamaras.org.ve
- GOTT, R. O (2006) *O Murdoch da Venezuela*. Revista New Left Review n.39. Disponível www.newleftreview.net Acessado em 30/10/2006.
- GUERRA, J. (2006) *Los pecados de Merentes*, Disponível em: www.analitica.com Acessado em 18/10/2006.
- HERNANDEZ, P. (2006) *El Verdadero golpe de PDVSA*. Imprenta Internacional, Maracaibo Venezuela.

- _____, (2005) *Revolución chavista: La gran estafa del siglo XXI*.
Disponível em http://www.soberania.org/Articulos/articulo_1636.htm,
Acessado em 27/10/2006.
- LANDER, L.E. e MAYA, M.(2002), *Venezuela, petróleo e golpe*, In Revista OSAL, n.7: Disponível em: www.osal.clacso.org
- LENIN, V. I. (1987) *Imperialismo: fase superior do capitalismo*, São Paulo: Global.
- LUZARDO, L.G.P. (2005) *Mensagem de fim de ano do presidente* , Disponível em: www.bcv.gov.ve
- MARINGONI, G. (2004) *A Venezuela que se inventa*. Poder Petróleo e intrigas nos tempos de Chávez. Ed. Perseu Abramo: São Paulo.
- MARX, K. (1988) *O manifesto do partido comunista*.São Paulo: Global.
- MAYA, M.L (2003). *La Venezuela en la Encrucijada*, In Revista OSAL n.9: CLACSO.
- _____,(2006) *Venezuela 2001-2004: Actores y estrategias en la lucha hegemônica*. In.(org)CAETANO, G.*Sujetos sociales y nuevas formas de protesta em la historia reciente de América Latina*,Consejo Latinoamericano de ciencias sociales, CLACSO: Buenos Aires.
- MEDINA, M (2001) *El Elegido Presidente Chávez*. Un nuevo sistema político.Ed. Aurora, Bogotá.
- MONIZ BANDEIRA, A. (2003) *Os EUA e a crise na Venezuela*, Revista Espaço acadêmico, ano II, n.20, Janeiro.
- _____,(2003a) *Conflito e Integração na América Latina: BR, Argentina e EUA*, Rio de Janeiro: Ed. Revan.
- MONTEVERDE, A. A. (1984) *Teoria leninista Del Imperialismo*, Havana, Cuba: Ed. De ciências sociales, Economia.
- PETRAS, J. (1986) *Clase estado y poder en el tercer mundo: Casos de conflictos de clases en America Latina*, México: Fondo de Cultura Económica.
- POULANTZAS, N. (1975) *As classes sociais no capitalismo de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____, (1975a) *Clases sociales* In Zentino, R.B. (org). *Las Clases sociales em America Latina: Problemas de conceptualización* (Seminário de Mérida, Yuc) Ciudad de México: Siglo xxi.
- _____, (1976) *A crise das ditaduras: Portugal Grécia, Espanha*: Trad. Lia Zatz. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____, (1977) *Poder Político e classes sociais*, Trad. SILVA, F. ed. Martins Fontes.